

*Investigación*

## Uso de analgésicos não opioides entre estudantes de Enfermagem no Amazonas, Brasil

### Uso de analgesics no-opioides entre estudantes de Enfermería em Amazonas, Brasil

### Use of non-opioid analgesics among Nursing students in the Amazonas, Brazil

Romeu Santos de Souza<sup>1</sup>, Rodrigo Cunha Lopez<sup>2</sup>,  
Luís Paulo Souza e Souza<sup>3</sup>, Abel Santiago Muri Gama<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Enfermeiro graduado pelo Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Coari, Amazonas, Brasil. ORCID: 0000-0002-1525-390. E-mail: [abelsmg@hotmail.com](mailto:abelsmg@hotmail.com)

<sup>2</sup> Enfermeiro graduado pelo Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Coari, Amazonas, Brasil. ORCID: 0000-0002-3567-712. E-mail: [abelsmg@hotmail.com](mailto:abelsmg@hotmail.com)

<sup>3</sup> Enfermeiro, Doutor em Saúde Pública, Professor Adjunto do Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Coari, Amazonas, Brasil. ORCID: 0000-0002-9801-4157. E-mail: [luis.pauloss@hotmail.com](mailto:luis.pauloss@hotmail.com)

<sup>4</sup> Enfermeiro, Doutorado em Saúde do Adulto, Professor Adjunto do Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Coari, Amazonas, Brasil. ORCID: 0000-0001-5089-6990. E-mail: [abelsmg@hotmail.com](mailto:abelsmg@hotmail.com)

## Resumen

**Objetivo:** Estimar la prevalencia de analgésicos no opioides para el alivio del dolor entre los estudiantes de enfermería. **Método:** Estudio transversal, realizado con 142

estudiantes de enfermería en el interior del estado de Amazonas, Región Norte de Brasil. Los datos se recopilaron en el segundo semestre de 2017 utilizando un cuestionario autoadministrado.

**Resultados:** La prevalencia del uso analgésico no opioide fue del 68,3%;

ser el alivio de los dolores de cabeza (64,9%) y dolor abdominal (14,4%) las principales razones de uso. La mayoría declaró que: el dolor interfiere con el desempeño de las actividades diarias (77,3%); reconocen que los analgésicos pueden dañar la salud (76,3%); consumieron analgésicos por sí solos (58,8%). Además, el 47,4% reportó medicamentos a terceros y el 93,8% dijo que almacenaba los medicamentos en sus hogares. **Conclusión:** Hubo un alto consumo de analgésicos, destacando el uso irracional – sin prescripción profesional. Es necesario fortalecer la enseñanza sobre el uso racional de los medicamentos entre los estudiantes de enfermería, con el objetivo de minimizar los riesgos de esta práctica.

**Palabras clave:** Analgesics no Narcóticos; Automedicación; Estudiantes de Enfermería; Brasil.

## Resumo

**Objetivo:** Estimar a prevalência do uso de analgésicos não opioides para alívio da dor entre graduandos de Enfermagem. **Método:** Estudo transversal, realizado com 142 estudantes de Enfermagem no interior do estado do Amazonas, Região Norte do Brasil. Os dados foram coletados no

segundo semestre de 2017, utilizando questionário autoaplicável. **Resultados:** A prevalência do consumo de analgésicos não opioides foi de 68,3%; sendo o alívio das dores de cabeça (64,9%) e dores abdominais (14,4%) os principais motivos para uso. A maioria afirmou que: a dor interfere na realização de atividades diárias (77,3%); reconhecem que os analgésicos podem fazer mal à saúde (76,3%); consumiam analgésicos por conta própria (58,8%). Ainda, 47,4% indicavam medicamentos a terceiros e 93,8% estocavam medicamentos em suas casas. **Conclusão:** Constatou-se elevado consumo de analgésico, destacando o uso irracional - sem prescrição de profissional. Faz-se necessário fortalecer o ensino sobre o uso racional de medicamentos entre os alunos de Enfermagem, visando minimizar os riscos desta prática.

**Palavras-chave:** Analgésicos não Narcóticos; Automedicação; Estudantes de Enfermagem; Brasil.

## Abstract

**Objective:** To estimate the prevalence of non-opioid analgesics for pain relief among nursing undergraduates. **Method:** Cross-sectional study, conducted with 142 nursing students in

the interior of the state of Amazonas, Northern Region of Brazil. Data were collected in the second half of 2017 using a self-administered questionnaire.

**Results:** The prevalence of non-opioid analgesic use was 68,3%; being the relief of headaches (64,9%) and abdominal pain (14,4%) the main reasons for use. The majority stated that: pain interferes with the performance of daily activities (77.3%); they recognize that analgesics can harm health (76.3%); they consumed analgesics on their own (58.8%). Still,

47.4% indicated medicines to third parties and 93.8% reported that they stocked medicines in their homes.

**Conclusion:** There was a high consumption of analgesics, highlighting irrational use - without professional prescription. It is necessary to strengthen the teaching on the rational use of medicines among nursing students, aiming to minimize the risks of this practice.

**Keywords:** Non-Narcotic Analgesics; Self Medication; Nursing Students; Brazil.

Recibido: 02012023

Aceptado: 11112023

## Introdução

A dor é definida como uma experiência sensorial e emocional, estando associada a um dano real ou potencial nos tecidos<sup>(1)</sup>. Pode ser resultante de muitos distúrbios, exames diagnósticos e tratamentos; além de incapacitante e causadora de angústias nas pessoas mais do que qualquer doença isoladamente<sup>(2)</sup>. Embora uma pessoa consiga sobreviver tendo dores, esta condição interfere diretamente no bem-estar físico, emocional e social, no desempenho das atividades laborais, influenciando diretamente na qualidade de vida<sup>(3)</sup>.

A pessoa que passa por uma experiência dolorosa, em algum momento da vida, costuma buscar alívio do problema algico por meio de orientações médicas ou pelo consumo de medicamentos por conta própria<sup>(4)</sup>. Os medicamentos são substâncias ou preparações elaboradas em farmácia (medicamentos manipulados) ou indústrias (medicamentos industriais), produzidas com um rigoroso controle para várias finalidades, dentre elas, diagnósticos, alívio de sintomas ou cura de doenças<sup>(5)</sup>.

A busca pelo alívio rápido e o choque emocional negativo que a dor causa na qualidade de vida incide no elevado consumo de medicamentos<sup>(1)</sup>. Os medicamentos mais utilizados para tratamentos da dor são os analgésicos não opioides<sup>(6-8)</sup>. Estes medicamentos são indicados para alívio de dores de ação periféricas e centrais, agindo diretamente na inibição das ciclooxigenases (COX 1 e COX 2), enzima responsável pela sintetização de prostaglandinas, substância envolvida diretamente no processo doloroso e inflamatório<sup>(9)</sup>. Os principais analgésicos não opioides são: dipirona; paracetamol; ibuprofeno; e o ácido acetilsalicílico<sup>(9)</sup>.

O sucesso terapêutico depende da escolha do tratamento, medicamentoso ou não, científico e racional. O uso racional é realizado através de prescrição apropriada, disponibilidade com condições adequada, doses indicadas, intervalos de tempo prescritos e preços acessíveis. Diferente do modo racional, a prática irracional é entendida como consumo sem consentimento ou prescrição de um profissional habilitado para isso<sup>(10)</sup>.

Aparentemente, embora inócuos de problemas e de maneira geral, sem a necessidade de prescrição médica para o uso, os analgésicos podem levar a inúmeros problemas de saúde, tais como: constipação, náuseas, vômitos, irritação gástrica, insuficiência renal aguda, disfunção hepática, discrasias sanguíneas, urticárias, cefaleia, choque, entre outros<sup>(11-12)</sup>.

Na análise da população adulta em geral, estudo realizado em uma cidade do Paquistão, em que participaram 500 pessoas de ambos os sexos, mostrou que a classe medicamentosa mais consumida pela população foi a de analgésicos (28,8%), utilizados principalmente para a dor de cabeça (32,7%)<sup>(13)</sup>. Outro estudo realizado na Espanha com 2.700 homens e mulheres revelou alto índice de consumo desta droga (25,5%) para o tratamento da dor<sup>(14)</sup>.

No Brasil, um estudo de base populacional com 40.833 entrevistados de ambos os sexos, apontou que a prevalência do consumo é de 33,4%, sendo os sintomas dolorosos os principais responsáveis pelo uso (24,3%)<sup>(8)</sup>.

Em populações de estudantes do ensino superior, estudos conduzidos em Goiás demonstraram altas proporções de uso dos analgésicos, encontrando valores de 29,8%<sup>(15)</sup> a 76%<sup>(16)</sup>. Avaliando os grupos de estudantes da área da saúde, pesquisa conduzida com 283 alunos dos cursos de medicina e enfermagem em São Paulo, demonstrou prevalência de 45,5% para o consumo de analgésicos<sup>(1)</sup>. Resultado semelhante foi encontrado em inquérito conduzido com 89 estudantes de graduação de

enfermagem também de São Paulo, obtendo 39,0% de prevalência do consumo de analgésicos, utilizados principalmente para alívio da dor<sup>(7)</sup>. Já no Rio de Janeiro, uma investigação apontou que, entre os 50 estudantes de enfermagem de uma Instituição no interior do estado do Rio de Janeiro, 43,1% faziam consumo de analgésicos para dor<sup>(17)</sup>.

Diante deste cenário, observam-se discrepâncias entre os valores encontrados na literatura nacional, além de restrição de estudos que avaliem o consumo dos analgésicos principalmente entre estudantes da Enfermagem, para o principal sintoma de doenças – problemas álgicos. E considerando que o uso destes produtos pode causar problemas de saúde, tais como: alergias, intoxicações, disfunções hepáticas e renais, problemas gastrointestinais, estudos desta natureza são essenciais para garantir qualidade de vida deste grupo populacional<sup>(18)</sup>.

Este estudo objetivou estimar a prevalência do consumo de analgésicos não opioides para alívio da dor entre alunos de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior no interior do Estado do Amazonas.

## Método

Trata-se de um estudo transversal, de abordagem quantitativa, conduzido com estudantes do curso de graduação em Enfermagem de uma Universidade Pública situada no interior do Amazonas, região norte do Brasil, investigando o uso de analgésicos para alívio da dor. O presente artigo faz parte de um projeto maior que buscou investigar o uso de medicamentos entre estudantes dos diversos cursos de graduação do *campus* selecionado. Como guia para condução deste trabalho, foi utilizado o STROBE (*Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology*)<sup>(19)</sup>.

O *campus* selecionado fica na cidade de Coari, há 363 km de distância (em linha reta) da capital Manaus, cujo acesso se dar por via fluvial ou aérea; e está ligado à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), recebendo o nome de Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) e foi fundado em 2005 por meio de política de interiorização e acrescentamento das atividades da UFAM, com a criação de cursos nas áreas de ciências exatas e da saúde. Atualmente, são ofertados os cursos superiores de Ciências: Matemática e Física; Biotecnologia; Ciências: Biologia e Química; Fisioterapia; Enfermagem; Medicina; e Nutrição. O Curso de Bacharelado em Enfermagem ofertado no município de Coari é o único do interior do Estado do Amazonas, disponibilizando 40 vagas anualmente<sup>18</sup>. Coari se localiza na região central do Estado, possuindo uma

área de 57.277.090 km<sup>2</sup>, sendo a quinta maior cidade do Amazonas. Tem uma população média de 83.078 habitantes, com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) baixo (0,586) - posição 4.595<sup>o</sup> entre os municípios brasileiros e 21<sup>o</sup> no *ranking* estadual<sup>(20)</sup>.

Como o interesse deste artigo são os estudantes de Enfermagem, consideraram-se todos os matriculados (N = 231) no segundo semestre de 2017. Por meio de amostragem por conveniência, incluíram-se aqueles com matrícula ativa; com idade igual ou superior a 18 anos; e que estavam presentes no momento da coleta. Como critérios de exclusão, consideraram-se participantes que possuíam alguma dificuldade que inviabilizasse a comunicação. Assim, a amostra final deste estudo foi composta por 142 graduandos distribuídos entre todos os períodos/semestre ofertados à época - 1<sup>o</sup>, 3<sup>o</sup>, 5<sup>o</sup>, 7<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup>.

A coleta de dados ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2017, por uma equipe previamente treinada, durante os intervalos das aulas e após consentimento dos professores responsáveis pelas aulas no momento. Como instrumento, utilizou-se um questionário autoaplicável composto de questões objetivas e subjetivas, organizadas da seguinte forma: sociodemográficas (idade, sexo, religião, cor da pele, renda individual e familiar); escolar (período no curso); consumo de medicamentos para alívio da dor nos últimos 30 dias; localização da dor; grau de interferência da dor na realização das atividades diárias; fonte indicadora para o consumo e local de aquisição dos medicamentos<sup>(18)</sup>. Este questionário foi utilizado em outros estudos conduzidos pelo grupo de pesquisadores deste texto<sup>18</sup>. Destaca-se que antes da coleta, os pesquisadores explicaram os objetivos do estudo, e somente após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os estudantes tiveram acesso ao questionário.

Os analgésicos foram classificados por meio do sistema de Classificação Anatómica Terapêutica Química (ATC), adotado pela Organização Mundial da Saúde e recomendado nos estudos de utilização de medicamentos que permitem padronização dos agrupamentos dos medicamentos, possibilitando comparações entre os países, regiões e outras configurações de cuidados de saúde. Ainda permite comparar tendências do consumo de medicamentos ao longo do tempo e em diferentes contextos<sup>(21)</sup>. A estrutura de classificação da ATC é dividida em cinco níveis, sendo que, neste estudo, foi utilizado apenas o nível cinco - *que são substâncias químicas utilizadas apenas para alívio da dor*<sup>(21)</sup>.

Para análise dos dados, utilizou-se o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 17.0, cuja alimentação/inclusão da base foi feita com conferência cruzada. Por fim, conduziram-se as análises descritivas, utilizando frequências absolutas e relativas, medianas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), parecer CAAE de número 74919717.1.0000.5020.

## Resultados

Dos 142 graduandos entrevistados, a maioria era do sexo feminino (64,1%), estavam na faixa etária entre 18 a 23 anos (69,7%), residiam com familiares (67,6%) e não possuíam renda própria (88,1%). Em relação à renda familiar, 43,0% dos graduandos apresentaram renda de 1 a 2 salários mínimos. Entre os 142 graduandos investigados, 97 consumiram analgésicos (68,3%). Destes, a maioria era do sexo feminino (70,1%), encontravam-se na faixa etária de 18 a 23 anos (70,1%), cursavam até o 5º semestre do curso (61,8%) (**Tabela 1**).

**Tabela 1.** Distribuição dos graduandos segundo variáveis sociodemográficas e de consumo de analgésicos. Coari, Amazonas, Brasil, 2018.

Variáveis	Participantes		Consumo de analgésicos	
	n = 142		Sim = 97	Não = 45
	n	%	n (%)	n (%)
<b>Sexo</b>				
Feminino	91	64,1	68 (70,1)	23 (51,1)
Masculino	51	35,9	29 (29,9)	22 (48,9)
<b>Faixa etária</b>				
18-20 anos	49	34,5	31 (32,0)	18 (40,0)
21-23 anos	50	35,2	37 (38,1)	14 (31,1)
24-30 anos	34	23,9	22 (22,7)	11 (24,5)
Mais de 30 anos	9	6,4	7 (7,2)	2 (4,4)
<b>Raça</b>				
Parda	101	71,1	12 (12,4)	7 (15,7)
Branca	19	13,4	68 (70,1)	33 (73,3)
Negra	13	9,2	3 (3,1)	2 (4,4)

Amarela	5	3,5	11 (11,3)	2 (4,4)
Indígena	4	2,8	3 (3,1)	1 (2,2)
<b>Religião</b>				
Católico	68	47,9	46 (47,4)	22 (48,9)
Evangélico	58	40,8	39 (40,2)	19 (42,2)
Nenhuma	13	9,2	9 (9,3)	4 (8,9)
Outros	3	2,1	3 (3,1)	0 (0,0)
<b>Estado conjugal</b>				
Vive só	109	76,8	75 (77,3)	34 (75,6)
Vive acompanhado	33	23,2	22 (22,7)	11 (24,4)
<b>Matrícula no curso</b>				
1º semestre	28	19,6	20 (20,6)	8 (17,8)
3º semestre	30	21,6	19 (19,6)	11 (24,4)
5º semestre	36	25,2	21 (21,6)	15 (33,3)
7º semestre	26	18,2	19 (19,6)	7 (15,6)
9º semestre	22	15,4	18 (18,6)	4 (8,9)
<b>Renda própria</b>				
Sim	17	11,9	10 (10,3)	7 (15,6)
Não	125	88,1	87 (89,7)	38 (84,4)
<b>Renda Familiar (SM)*</b>				
< 1	22	15,5	10 (10,3)	12 (26,7)
1 a 2	61	43,0	47 (48,5)	14 (31,1)
>2	59	41,5	40 (41,2)	19 (42,2)
<b>Com quem reside</b>				
Família	96	67,6	64 (66,7)	32 (33,3)
Amigo	20	14,1	12 (60,0)	8 (40,0)
Sozinho	17	12,0	15 (88,2)	2 (11,8)
Companheiro (a)	9	6,3	6 (66,7)	3 (33,3)
<b>Moradores por domicilio</b>				
1 a 5	119	83,8	81 (83,5)	38 (84,4)
≥ 6	23	16,2	16 (16,5)	7 (15,6)

**Nota:** \*SM: salário mínimo referente a outubro de 2017 (R\$ 937,00).

Fuente: elaboración propia

O principal motivo para uso de analgésicos foi para alívio de dores de cabeça (64,9%), seguido por dores abdominais (14,4%). Quando questionados se a dor interferia em algum grau na realização de suas atividades diárias, a maioria respondeu positivamente (77,3%). A maioria dos graduandos costumava ler a bula dos medicamentos e considerou que os analgésicos podem fazer mal a saúde (76,3% para ambos os casos). E mais da metade dos graduandos consumiram os analgésicos por conta própria (58,8%) (**Tabela 2**).

**Tabela 2.** Distribuição dos graduandos que consumiram analgésicos, segundo a localização da dor; grau de interferência nas atividades diárias; indicação de consumo e local de aquisição do medicamento. Coari, Amazonas, Brasil, 2018.

Variáveis	Graduandos de Enfermagem que fizeram consumo de analgésicos (n = 97)	
	n	(%)
<b>Localização da dor</b>		
Cabeça	63	64,9
Região abdominal	14	14,4
Região lombar	13	13,4
Membros Superiores e Membros Inferiores	5	5,1
<b>Interferência da dor na realização de atividades</b>		
Nenhuma	22	22,7
Muito pouco	36	37,1
Mais ou menos	23	23,7
Bastante	14	14,4
Extremamente	2	2,1
<b>Indicação de consumo</b>		
Conta própria	57	58,8
Familiar	15	15,5
Médico	10	10,3
Vizinho/Amigo	7	7,2
Outros	8	8,2
<b>Local onde conseguiu</b>		
Farmácia	84	86,6
Vizinho/Amigo	5	5,1

Familiar	4	4,1
Posto de saúde/Hospital	3	3,1
Outros	1	1,1

**Notas:** \*MMSS/MMII: membros superiores e membros inferiores

Fuente: elaboración propia

Dentre as substâncias químicas mais consumidas, destacaram-se o paracetamol (46,5%) - pura ou em associação com outras substâncias - seguido da dipirona (44,9%) (puro ou em associação). Destaca-se que esta variável soma-se maior ao quantitativo dos que referiram uso de analgésico (n = 97), uma vez que as medicações podem ter sido repetidas entre o grupo (**Tabela 3**).

**Tabela 3.** Distribuição dos analgésicos segundo consumo e substância química segundo Classificação Anatômica Terapêutica Química (ATC) - Nível 5. Coari, Amazonas, Brasil, 2018.

Substância química – ATC* - nível 5	Consumo	
	Frequência (n)	%
<b>Analgésicos consumidos</b>		
Paracetamol	34	29,3
Paracetamol composto	20	17,2
Dipirona	37	32,0
Dipirona composta	15	12,9
Ibuprofeno	10	8,6

**Nota:** \*ATC: Classificação Anatômica Terapêutica Química conforme Organização Mundial da Saúde<sup>(21)</sup>.

Fuente: elaboración propia

O estudo apontou que, quase a metade dos graduandos indicam medicamentos a terceiros (47,4%) e 9 a cada 10 graduandos, guardam medicamentos nas residências (93,8%). Constatou-se que cerca de 2 a cada 10 graduandos utilizaram medicamentos com nomes comerciais diferentes, porém com as mesmas substâncias químicas utilizadas para analgesia (19,6%).

## Discussão

A prevalência do consumo de analgésicos para alívio da dor entre os graduandos de Enfermagem deste estudo foi elevada (68,3%), sobretudo entre as mulheres, e com a

finalidade de sanar as dores de cabeça. Comparando-se a outros estudos com mesmo público, observam-se prevalências menores que a encontrada por nós. Estudo feito em Goiás encontrou valor igual a 38,8%<sup>(4)</sup>; e pesquisa conduzida em São Paulo evidenciou prevalência de 45,56%<sup>(1)</sup>.

Neste estudo, embora não tenha sido investigado o motivo que levou ao consumo de analgésicos, alguns estudos destacam a falta de tempo de ir ao serviço de saúde como motivador do consumo entre estudantes de enfermagem no país<sup>(4,17,22-23)</sup>, incluído o município de Coari - Amazonas<sup>(18)</sup>. Além disto, é importante destacar que parece haver no município a cultura de tentar eliminar os problemas de saúde por conta própria, buscando nos medicamentos solução rápida e fácil para os problemas das populações. Assim, questões culturais ligadas a uma população ribeirinha, com concepções de saúde específicas devem ser consideradas nesta análise. Um achado que fortalece esta constatação aponta que de cada 10 graduandos, 8 adquiriu os analgésicos diretamente nas farmácias, o que poderia postergar a elucidação de possíveis doenças de base, além do risco de efeitos colaterais e adversos.

Prevaleceu o consumo de analgésicos entre o sexo feminino (70,1%), corroborando com outros estudos<sup>(1,3-4,7,22,24)</sup>. O curso de Enfermagem é composto, majoritariamente, por mulheres, razão que, em parte, explicaria a maior prevalência de consumo por esse sexo<sup>4</sup>. Por outro lado, considerando as características peculiares relacionadas ao sexo feminino, como o ciclo menstrual e toda a sintomatologia envolvida, destacando-se sintomas álgicos, é esperado que as mulheres façam o uso de analgésicos com maior frequência<sup>(25)</sup>.

Dentre os principais problemas álgicos encontrados, destacou-se a dor de cabeça (64,9%). Estes achados superam os resultados de outra investigação realizada com estudantes da área da saúde de uma universidade pública do Amazonas, que detectou que 37,0% dos estudantes apresentaram dor de cabeça<sup>(26)</sup>; e dos resultados encontrados em Minas Gerais, que foram de 35,6%<sup>(27)</sup>.

O curso de Enfermagem em instituições públicas de ensino, geralmente, é diurno, com cargas horárias diárias elevadas e aulas práticas presenciais, sendo o restante do dia dedicado ao estudo para provas, seminários e resolução de exercícios. Assim, pode haver poucas horas para o sono, exigindo muito da parte mental e física do aluno, que favorecem o surgimento de sentimentos de ansiedade, apreensão, estresse, induzindo respostas psicológicas, fisiológicas, favorecendo o surgimento das cefaleias que são multifatoriais<sup>(28)</sup>.

O presente estudo revelou que cerca de 2 a cada 10 graduandos relataram que a dor interfere na realização de suas atividades diárias de forma bastante e extrema, favorecendo o consumo de analgésicos por conta própria para o rápido alívio do desconforto, para voltar a realizar suas atividades habituais de forma plena e com qualidade de vida. O uso rotineiro de medicamentos para alívio da dor parece ser uma prática comum, aparentemente inofensiva, mas que pode levar a interações medicamentosas, intoxicações, reações adversas, mascaramento de doenças, agravamento do estado de saúde e até mesmo o óbito<sup>(22,29)</sup>.

Apesar de 76,3% dos graduandos de Enfermagem afirmar que liam a bula e reconheciam que estes medicamentos podem trazer algum risco a saúde (76,3%), mais da metade dos alunos consumia analgésico por conta própria (58,8%). Embora grande parte dos analgésicos seja isento de prescrição médica, isto poderia levar a falsa impressão de que os mesmos estariam sendo empregados da forma correta e inócuos de riscos à saúde. Além disto, as informações contidas nas bulas apresentam termos técnicos desconhecidos por grande parte dos graduandos de Enfermagem, principalmente os que estão nos períodos iniciais do curso de graduação<sup>(1,4,17)</sup>.

O alívio do desconforto momentâneo dos sintomas álgicos, realizado através de medicamentos autoprescritos, favorece que os indivíduos adiem o tratamento adequado e em momento oportuno, alimentando a cronificação da experiência dolorosa e o aparecimento de comorbidades, sucedidas do convívio prolongado com a dor<sup>(4)</sup>.

Em relação aos medicamentos mais utilizados destacou-se o paracetamol (46,5%) e a dipirona (44,9%), em consonância com outras investigações nos estados de Minas Gerais<sup>(23)</sup> e Goiás<sup>(1)</sup>. A indústria farmacêutica dispõe de inúmeros medicamentos para o controle da dor, sendo a maioria classificados como de venda livre, comercializados nos balcões das drogarias e farmácias e, muitas vezes, em estabelecimentos não relacionados com a área da saúde, como supermercados e lanchonetes, facilitando o acesso a esses medicamentos e sua armazenagem em casa. Porém, esses medicamentos de venda livre não estão isentos de causar efeitos adversos e colaterais e o uso prolongado desses fármacos, sem acompanhamento de um profissional de saúde, pode levar à cronificação da dor gerar consequências desastrosas<sup>(17,27)</sup>. A dipirona, por exemplo, pode levar a agranulocitose fatal (morte dos neutrófilos, basófilos e eosinófilos), reações de hipersensibilidade (manifestações cutâneas ou nas mucosas) e choque, entre outros<sup>(3,11)</sup>.

Outro dado alarmante é que mesmo sabendo das implicações negativas (76,3%), quase a metade dos graduandos indicava medicamentos a terceiros (47,4%), corroborando com outros estudos<sup>(7,24)</sup>. Este dado merece atenção, pois revela que futuros enfermeiros costumam indicar medicamentos para terceiros, mostrando seriedade do problema, pois além de comprometerem a própria saúde, podem colocar em risco a saúde de seus pares/amigos. Durante a formação acadêmica no curso de enfermagem, não há suporte teórico suficiente que sustente a indicação do uso correto de qualquer medicamento, sobretudo no que tange a aspectos que regem a prática profissional, uma vez que, na maioria dos municípios, os Enfermeiros não podem prescrever uma gama de medicamentos, salvo aqueles preconizados nos programas da Atenção Primária à Saúde (APS), respaldado pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), cabendo sanções disciplinares pelo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem<sup>(18)</sup>.

No presente estudo, constatamos que 2 a cada 10 graduandos utilizaram medicamentos com nomes comerciais diferentes, mas com as mesmas substâncias químicas para analgesia, fato preocupante, pois, dependendo da dosagem, pode haver intoxicação e outros problemas de saúde<sup>23</sup>. É possível que haja inconsistências no processo de ensino em relação ao uso racional de medicamentos no curso de graduação<sup>(18)</sup>.

## Conclusão

Constatou-se alto consumo de analgésicos não opioides para alívio da dor entre os estudantes de Enfermagem investigados. Além disto, observou-se a prática de compartilhamento dos medicamentos consumidos, demonstrando uso irracional. Apesar de o desenho amostral ter sido por conveniência, e reconhecendo os possíveis vieses de seleção, destaca-se a análise destes comportamentos entre estudantes no interior do Amazonas, região pouco explorada no Brasil, apresenta-se pertinente, permitindo conhecer parte da realidade destes discentes.

Reconhece-se que estudantes da área de saúde possam usar mais este tipo de medicação devido ao maior conhecimento e acesso aos fármacos, contudo, é preciso destacar os riscos desta prática, principalmente no que se refere à automedicação. Estratégias de ensino que fortalecem a conscientização dos estudantes devem ser intensificadas, visando protegê-los de eventuais agravos advindos do uso

irracional destas medicações. Ademais, por serem futuros profissionais, faz-se necessário uma discussão acerca do cuidado que devem adotar com a própria saúde, desenvolvendo comportamentos que minimizem riscos.

Estudos adicionais devem ser realizados, principalmente que investiguem mais detalhadamente as causas das dores, considerando questões socioeconômicas, emocionais, laborais e acadêmicas/escolares, para que ações de promoção à saúde sejam direcionadas.

## Referências

1. Martinez JE, Pereira GAF, Ribeiro LGM, Nunes R, Ilias D, Navarro LGM. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. *RevBraReumatol.* 2014;54(2):90-94.
2. Smeltzer SC, Bare BG. *Brunner&Suddarth's: textbook of medical-surgical nursing.* 12th. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Editora; 2014.
3. Barros SRAF, Pereira SSL, Aduino Almeida Neto AA. Nursing students' qualification as to pain perception in two universities. *Rev Dor.* 2011;12(2):131-7.
4. Souza LA, da Silva CD, Ferraz GC, Sousa FA, Pereira LV. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. *RevLatAmEnferm.* 2011; 19(2):245-51.
5. Brasil. Ministério da Saúde. O que devemos saber sobre medicamentos. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.
6. Demétrio GS, Rodriguez GG, Traebert J, Piovezan AP. Prevalence of self-medication for pain relief in a city of Southern Brazil. *Arq Catarin Med.* 2012; 41(3):54-9.
7. Santos BS, Souza LG, Delgado NM, Torres WO. Incidence of self-medication in nursing students. *J Health Sci Inst.* 2012; 30(2):156-60.
8. Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzo TSD, Ramos LR, Mengueli SS, Luiza VL, et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saúde Pública* 2016; 50(supl 2):13.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Relação nacional de medicamentos essenciais-Rename. 5ª. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.

10. Brasil. Ministério da Saúde. Uso racional de medicamentos: temas selecionados. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
11. Goldenzwaig NRSC. Administração de medicamentos na enfermagem. 7<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Editora; 2008.
12. Clayton BD, Stock YN. Farmacologia na prática de enfermagem. 13<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora; 2006.
13. Afridi MI, Rasool G, Tabassum R, Shaheen M, Siddiquillah, Shujaiddin M. Prevalence and pattern of self-medication in Karachi: a community survey. Pak J Med Sci. 2015;31(5):1241-5.
14. Carrera-Lasfuentes P, Aguilar-Palacio I, Roldán EC, Fumanal SM, Hernandez MJR. Consumo de medicamentos em población adulta: influencia del autoconsumo. Aten Primaria 2013;45(10):528-35.
15. Alves TA, Malafaia G. Self-medication among students of a higher education institution in Goiás. ABCS Health Sci. 2014; 39(3):153-9.
16. Montanari CM, Souza WA, Vilela DO, Araújo FS, Podestá MHMC, Ferreira EB. La automedicación en académico de la universidad pública de Minas Gerais del sur. Tempus, Actas de Saúde Colet. 2014; 8(4):257-68.
17. Gama ASM, Oliveira MR, Beazussi KM, Gama ASM. Automedicação entre académicos de enfermagem em uma instituição particular de ensino. Rev Cient Interdisc. 2016;2(3):76-155.
18. Gama ASM, Secoli SR. Self-medication among nursing students in the state of Amazonas – Brazil. Rev Gaúcha Enferm. 2017;38(1):e65111.
19. Ebrahim S, Clarke M. STROBE: new standards for reporting observational epidemiology, a chance to improve. Int J Epidemiol. 2007;36(5):946-8.
20. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. IBGE Cidades e Estados do Brasil. [Internet]. 2016. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/coari/panorama> [consulta: 03 mar 2018].
21. World Health Organization. Applications of the ATC/DDD methodology. [Internet]. 2011 Disponível em: <https://www.who.int/tools/atc-ddd-toolkit/applications-methodology#:~:text=The%20purpose%20of%20the%20ATC,and%20comparable%20drug%20utilization%20statistics.> [consulta: 16 abr 2020].
22. Aquino DS, Barros JAC, Silva Maria DP. A automedicação e os académicos da área de saúde. Ciência & Saúde Colet. 2010; 15(5):2533-8.

23. Hoffmann AMM, Pereira TGD, Batista IAP, Oliveira ADS, Corrêa CS. Self-medication among nursing students. *Rev Eletr Acer Saúde*. 2017;9:S841-S848.
24. Chaves ACTA, Alves LA, Rocha MNC, Souza MNRS, Chaves VTA, Pereira WSS. Automedication profiles between nursing students. *Rev Saúde.Com*. 2017;13(4):1016-21.
25. Al-Hussaini M, Mustafa S, Ali S. Self-medication among undergraduate medical students in Kuwait with reference to the role of the pharmacist. *J Res Pharm Pract*. 2014; 3(1):23–7.
26. Iuras A, Marques AAF, Garcia LFR, Santiago MBS, Santana LKL. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). *Rev Port Estomatol Med Dent Cir Maxilofac*. 2016; 57(2):104–11.
27. Damasceno DD, Terra FS, Zanetti HHV, D'Andréa ED, Silva HLR, Leite JA. Self-medication among undergraduate nursing, pharmacy and dentistry of university federal of alenas. *Rev Min Enf*. 2007;11(1):48-52.
28. Lima JRN, Pereira AKAM, Nascimento EGC, Alchieri JC. Perception of nursing students about the process of health/illness during graduation. *Sau. Transf. Soc*. 2013;4(4):54-62.
29. World Health Organization. Promoting rational use of medicines: core components. [Internet]. Geneva: WHO; 2002. Disponível em: <https://www.who.int/teams/health-product-policy-and-standards/medicines-selection-ip-and-affordability/medicines-policy/rational-use> [consulta: 16 abr 2020].

**Nota de contribución de autores:**

Romeu Santos de Souza: conceptualización

Rodrigo Cunha Lopez: conceptualización

Luís Paulo Souza e Souza: conceptualización

Abel Santiago Muri Gama: conceptualización